

A CLARIVIDÊNCIA EM MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Noemi Elisa Aderaldo

Os que alguma vez se detiverem em Mário de Sá-Carneiro sabem da sua curta mas fulgurante trajetória no desencadear do movimento modernista em Portugal, nos idos de 1914; sabem; assim, que foi um dos principais integrantes do grupo de *Orpheu*, reunindo-se à volta da fugaz revista que teve este nome, marco revolucionário da nova era literária; sabem da sua histórica amizade, poderíamos dizer irmandade, em alma e poesia, com Fernando Pessoa, figura maior do grupo e gênio universal; sabem, enfim, do singularismo e meteórico percurso existencial e literário desse poeta que ardeu, de esplendor e de angústia, no espaço de 3 ou 4 anos, para consumir-se, tragicamente na chama implacável da própria contradição, até o ato final do suicídio, aos 26 anos de idade.

A personalidade de Sá-Carneiro padecia, no mais alto grau, da pungente dualidade expressa por Goethe nas palavras do seu *Fausto*.

“Mas, ai! Duas almas se agitam no meu peito:

Esta em volúpia louca se prende à terra

Com desmedido apego;

Numa arrancada viva a outra do pó se eleva

Para o celeste arcano!”

Dois anos antes do trágico desfecho ocorrido em Paris, em 1916, já o vaticinava estranhamente o próprio Sá-Carneiro, no poema “Dispersão”, que dava o título ao seu primeiro livro de poesia publicado:

“E sinto que a minha morte –

Minha dispersão total –

Existe lá longe ao norte,
Numa grande capital”.

É curioso também – e isso faz parte da aura de mistério que cerca e impregna o nosso poeta – que quase nada se saiba da vida de Sá-Carneiro, salvo os quatro últimos anos de voluntário e insólito exílio em Paris, entremeado, por raras e breves estadas em Lisboa, e mesmo assim através da correspondência mantida com Fernando Pessoa, o qual declara a esse respeito: “O Sá-Carneiro não teve biografia: teve só gênio. O que disse foi o que viveu”.

E o que disse e viveu na sua curta e intensa vida ficou registrado nos 52 poemas de “Dispersão”, “Indícios de oiro” e “Últimos poemas”, nos livros de novelas “Princípio”, “Confissão de Lúcio” e “Céu em fogo”, e na correspondência com Pessoa. É ainda Pessoa quem escreve, após o desenlace inevitável:

“Ah, meu maior amigo, nunca mais
Na paisagem sepulta desta vida
Encontrarei uma alma tão querida
Às coisas que em meu ser são as reais”.

Como poucas vezes acontece, poesia e vida se entrelaçam fortemente em Sá-Carneiro, de tal modo que sua obra poética, tão breve mas tão intensa e fulgurante quanto os seus últimos anos de existência, parece-nos um rico painel de espelhos ou de janelas, pelas quais se deixam vislumbrar as transparências luminosas, os recônditos crepusculares e as profundezas umbrosas de uma alma febril, vibrante de aspiração e de desespero, vivendo, uma dentro da outra, a vida e a morte, num mesmo acorde resplandecente e dilacerante. A experiência existencial desse conúbio insólito mas profundamente verdadeiro, pelo qual se fascina e ao qual se entrega, sem defesa e sem freio, levaria vida

e alma de Sá-Carneiro a um paroxismo de sensibilidade que só podia ter, como seu cíclico e pendular reverso, a experiência do esgotamento, do aniquilamento e do vazio.

Pois Sá-Carneiro vive e morre nos extremos; veja-se o verso sintetizador:

“Morro à mingua, de excesso”,

o qual, sem a vírgula, adquire outro sentido; e, noutro passo, os seguintes:

“É só de mim que ando delirante,

Manhã tão forte que me anoiteceu...”

Assim, depois de termos adentrado o tema do Fogo em Sá-Carneiro, matriz simbólica fundamental a percorrer-lhe a obra, gostaríamos de destacar brevemente alguns aspectos conexos daquele painel poemático a que pouco atrás aludimos.

Antes de mais nada deparamos, em não poucos momentos, com uma alta aspiração de plenitude, e mesmo com a presença dessa plenitude, em versos como:

“Sou chuva de oiro e sou espasmo de luz”

e:

“É subir, é subir além dos céus

Que as nossas almas só acumularam”

E ainda:

“Viajar outros sentidos, outras vidas”

E mais:

“Ao triunfo maior, avante pois!

O meu destino é outro – é alto e é raro”

Ou então:

“Vem do Outro tempo a luz que me ilumina”.

Na ânsia do artista que quer mas não consegue exprimir à altura a Beleza que o possui, uma ponta de revolta, na qual confessa, entretanto, a grandeza do que o habita:

“Arranquem-me esta grandeza!

P’ra que me sonha a beleza,

Se a não posso transmigrar?”

Isto é, exprimi-la, fazê-la habitar na sua Arte.

Concomitantemente, também pontilha a poesia de Sá-Carneiro a nostalgia daquela plenitude, vivida ou sonhada, e que sente cada vez mais distante, em versos como:

“A minha alma nostálgica de além”

e:

“Ai que saudades da morte...”

ou:

“Oh, regressar a mim profundamente

E ser o que já fui no meu delírio...”

ou então:

“As minhas grandes saudades

São do que nunca enlacei.

Ai como tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei"!...

e mais:

"Sou estrela ébria que perdeu os céus"

e ainda:

"Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar.
Na ânsia de ultrapassar,
Nem dei pela minha vida".

Se os temas da vida e da morte, ora em uníssono ora em conflito, ora uma na outra reversíveis, permeiam a alma e a poesia de Sá-Carneiro, um outro tema não menos importante nelas assoma pouco a pouco e cada vez mais se acentua e reitera em novas modulações, adquirindo um caráter quase obsessivo, um prenúncio da queda: é o tema da cisão interior de Sá-Carneiro o outro; da bifurcação da sua identidade; da separação entre vida e alma e entre alma e espírito – ‘anima’ e ‘animus’ –, ou entre consciente e inconsciente, da sua dualidade, da sua contradição e do fatal desgaste resultante. A vivência dessa cisão se prenuncia na seguinte quadra do poema “Dispersão”:

"Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim"

e se acentua mais tarde nas seguintes estrofes pertencentes a diferentes poemas:

“Como se chora um amante
Assim me choro a mim mesmo:
Eu fui amante inconstante
Que se traiu a si mesmo”.

“Por sobre o que Eu não sou há grandes pontes
Que um outro, só metade, quer passar
Em miragens de falsos horizontes –
Um outro que eu não posso acorrentar...”

e, num crescendo do processo:

“Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio,
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro”.

E Sá-Carneiro, noutro passo, se pergunta:

“Onde existo, que não existo em mim”?

Numa novela de “Céu em Fogo”, intitulada “Eu-Próprio o Outro”, Sá-Carneiro confessa o pavor da reversão da identidade, por assim dizer, do seu eu no seu “outro”:

“Quero fugir, quero fugir! Haverá tortura maior? Existo, e não sou eu! Eu-Próprio sou o outro... Sou o outro... O Outro!...”

O paroxismo dos extremos, o acirramento das contradições e a consumação das cisões levam Sá-Carneiro à exaustão, ao esvaziamento; o excesso leva-o à carência:

“Meu alvoroço de oiro e lua
Tinha por fim que transbordar...
Caiu-me a Alma ao meio da rua,
E não a posso ir apanhar!”

ou então:

“A minha vida sentou-se
E não há quem a levante,
Que desce o Poente ao Levante
A minha vida fartou-se”

e ainda:

“A ponte levantadiça e baça de Eu-ter-sido
Enferrujou – embalde a tentarão descer...

Depois, a consciência da irremissível queda:

“Ecoando-me em silêncio, a noite escura
Baixou-me assim na queda sem remédio;
Eu próprio me traguei na profundura
Me sequei todo, endureci de tédio”.

E, afinal, o que o poeta sente como a última e irreparável perda,
a verdadeira e a mais terrível morte da Alma, seu verdadeiro Eu:

“Não perdi a minha alma
Fiquei com ela, perdida.
Assim eu choro, da vida,
A morte da minha alma”

e ainda, alhures:

“Regresso dentro de mim
Mas nada me fala, nada!
Tenho a alma amortalhada,
Sequinha, dentro de mim”.

Os extremos se dissolvem, se aniquilam: a morte e a vida, a lucidez e a loucura:

“Perdi a morte e a vida,
E, louco, não enlouqueço..”

Na implacável sucessão da distância subjetiva que lhe preside a existência e o destino, resta-lhe assim um derradeiro lance, o único possível, ao qual enfim recorre: o suicídio. E o podemos prefigurar na última estrofe do seu poema “A Queda”, que finaliza o livro *Dispersão*:

“ Não me pude vencer, mas posso-me esmagar
– Vencer às vezes é o mesmo que tombar –
E como inda sou luz, num grande retrocesso,
Em raivas ideais ascendo até o fim:
Olho do alto o gelo, ao gelo me arremesso...”